

Solidão e criação

Affonso Henrique Vieira da Costa*

Resumo:

O objetivo do artigo é o de pensar sobre a relação entre a solidão e a criação a partir do discurso “Do caminho do criador” de *Assim falou Zaratustra*. Com a morte de Deus, entendida como desvalorização de todos os valores supremos, a solidão é analisada como inerente à nossa época histórica e a criação como possibilidade de retomada da vida desde uma outra instância, a saber, a da fidelidade à Terra característica do super-homem.

Palavras-chave: Solidão; Criação; Zaratustra

Solitude and creation

Abstract:

The objective of this article is to reflect on the relationship between solitude and creation in the speech “Of the way of the creator” from *Thus spoke Zarathustra*. After the death of God, understood as devaluation of superior values, solitude is analyzed as inherent to our historical moment, and creation as the possibility to resume life from a different instance, the one of loyalty to Earth which is characteristic of the Superman.

Key-words: Solitude; Creation; Zarathustra

I

Não pretendemos aqui, como o especialista, explicar um texto de Nietzsche, ainda menos no modo do colecionador e do catalogador que se lançam na coleta de dados e não se voltam para o seu sentido primário porque ou se afogam na mera objetividade do que classificam ou se inflam na subjetividade de quem, de fora, procura dizer aquilo que no texto não é dito, forçando-o e, com isso, afastando-se dele.

Com isso presente, acreditamos que a tarefa de quem sente a necessidade de pensar é árdua porque sempre está em uma luta contra si mesmo, no sentido de ter que abrir mão daquilo que aparece como falta ou como excesso e que atrapalha toda possibilidade de apropriação sincera das questões, pois vive na tensão, na linha-limiar

* Doutorando em Filosofia do PPGF-UFRJ.

em que o próprio pensamento pode se manifestar e também se subtrair, independentemente da vontade do sujeito.

Mas, afinal de contas, quem é o porta-voz de tal posição diante da necessidade de interpretação de todo dizer? É o próprio Zaratustra, aquele que fala pela boca de Nietzsche.

Isto nos soa estranho. Deixemos que soe assim. Pois é nesse estranhamento que podemos ser despertados de um sono profundo, um sono que, segundo o próprio Nietzsche, atravessa toda História, submetendo o homem ao infra-humano, à perda total de seus horizontes, posto que se encontra perdido em uma conjuntura na qual os mais altos valores se desvalorizaram e, ao tentar ainda a ela se agarrar, afasta-se progressivamente do “lugar” a partir do qual novos valores poderiam ser criados.

II

Depois desse breve intróito, procuraremos pensar no que vem a ser a solidão e sua relação com a criação a partir do texto intitulado *Do caminho do criador*, pertencente à primeira parte do livro de Nietzsche chamado *Assim falou Zaratustra* (Cf. ZA, “Do caminho do criador”, pp.77-80).

No entanto, os estudos sobre Nietzsche costumam nos advertir para o fato de que toda esta primeira parte remete para a questão da fundamentação do super-homem. Porém, jamais entenderíamos o que isto significaria caso não observássemos também que o fundo desde o qual tal pensamento emerge se forja desde a compreensão da desvalorização de todos os valores supremos, em outras palavras, desde a própria morte de Deus.

Do caminho do criador, assim como todos os textos desta primeira parte, traz já consigo tal problemática e a exigência de uma incorporação a ela de modo que se possa ir ao encontro da solidão inerente à nossa época histórica, assumindo a sua destinação e a criação como possibilidade de retomada da vida desde uma outra instância, a saber, a da fidelidade à Terra.

A derrocada dos mais altos valores e a necessidade de, na hora certa, ir ao encontro de sua verdade, nos é exposta já no seu primeiro discurso intitulado *Das três metamorfoses* (Cf. ZA, “Das três metamorfoses”, pp.43-45). Aí, vê-se, claramente, não só os caminhos pelos quais Nietzsche percorreu até chegar ao seu *Assim falou*

Zarathustra, como também o percurso necessário a ser percorrido por cada um que pretenda ir ao encontro de si mesmo (Ibidem, p. 43).

Entretanto, para que não fiquemos perdidos e não tomemos o dito acima como mera tagarelice, ouçamos o que Eugen Fink tem a nos dizer a esse respeito:

O fato de a própria vida de Nietzsche percorrer essas etapas e modificações que ele exige para o homem mostra apenas a seriedade do seu pensamento que o obriga a ele próprio. Ele existe como pensador, ele vive o seu pensamento e pensa a sua vida (FINK, E. *A filosofia de Nietzsche*, p. 78).

De acordo com isso, como poderíamos, então, querer ir ao encontro do caminho do criador se nós mesmos nos recusássemos a caminhar? O que é propriamente uma caminhada?

III

Muitas vezes nos encontramos por demais atarefados em nossas atividades e resolvemos, repentinamente, espairer. Saímos. Antes, contudo, invariavelmente, nos perguntam: - Aonde você vai? Simplesmente respondemos que vamos dar uma caminhada. Essa caminhada é um pôr-se a caminho. É um ir por aí sem querer chegar a lugar nenhum. Mas, e se é justamente em situações como essa, onde não buscamos nada, onde deixamos aparentemente tudo de lado e nos sentimos mais leves, que o pensamento espera o momento oportuno para nos visitar?

Do caminho do criador é um texto que nos impõe a necessidade da escuta, de uma escuta solitária que só se dá quando nos dispomos à caminhada.

Caminhar é um crescer com aquilo que no percurso que se faz vai sendo conquistado. O que é conquistado não o é pelo poder do sujeito e nem está submetido à sua força. Não! Ele é dado, presenteado à custa daquilo que também exige do pensador sua devoção. De que outro modo entenderíamos a passagem supracitada de Eugen Fink acerca de Nietzsche que diz que o pensamento “o obriga a ele próprio”?

O pensador está no balanço do dar-se e do recolher-se do pensamento. Ele não é forte o suficiente para dominá-lo e tê-lo quando bem quiser. Aliás, ele se põe no sentido contrário ao do poder da razão que tudo quer calcular e assegurar através de conceitos e regras que atravessaram toda a História da Filosofia.

Caminhar, portanto, é deixar-se ser tomado por uma disposição que abre o pensar como uma possibilidade de ser.

IV

Mas, o que é essa disposição? É no seu interior, aprendendo com ela, tendo em vista algo mais elevado, a saber, a criação, que Nietzsche quer nos remeter.

Tal tarefa, no entanto, não é fácil e a psicologia com que o pensador trabalha na elaboração de seu texto nos põe no estado de nos sentirmos afetados por aquilo que por ele é dito.

Este procedimento nos incomoda desde as primeiras linhas. Ser incomodado é sair do comodismo de um modo de ser que não se lança mais para além de si com o intuito de produzir aquilo que aparece como sendo o necessário e que constitui um *próprio*.

É neste mesmo sentido que Nietzsche inicialmente nos instiga. Ouvimos o seguinte de Zaratustra: “Queres, meu irmão, refugiar-te na solidão? Queres procurar o caminho de ti mesmo? Detém-te mais um pouco e escuta-me” (NIETZSCHE, F. ZA, “Do caminho do criador”, p.77).

Em toda procura de si mesmo há que se ter um querer. Em todo querer há um risco. É pondo-se no risco que escutamos. A escuta é sempre solitária, única e intransferível.

Nietzsche, portanto, nos convida a participar dessa escuta. Para que comunguemos com esse intento, precisamos observar suas exigências. Dentre elas, a principal é a de que continuemos a nos manter no próprio risco.

Por conta disso, logo em seguida, ouvimos uma advertência: “Quem procura, facilmente se perde a si mesmo” (Ibidem, p.77). Como ler essa advertência e não se sentir ferido por ela? Ela atravessa o fundo de nosso peito como se fosse um eco de nosso próprio ser que, temeroso, se perguntasse a si mesmo: “Vais querer continuar nessa empreitada?”

É preciso, então, um querer forte, que, ao visar o encontrar-se consigo mesmo, almeje até mesmo um perder-se a si mesmo.

Essa perda de si mesmo, que em um primeiro momento parece ser um extravio, se desdobra como um deixar-se ser conduzido por aquilo que na escuta aparece como sendo o essencial e como um deixar-se desprender do rebanho¹.

O espírito, conforme Zaratustra diz em outras passagens, para ganhar um mundo, precisa perder um mundo. Estaríamos dispostos a perdê-lo? E se nada ganharmos?

Na criação não há trocas. Não podemos calcular ganhos e perdas. Somos todos funâmbulos por também andarmos na corda bamba. Nossa vida está sempre por um fio. Mas o fato é que nada queremos saber acerca disso. Fugimos dessa situação. Não a enfrentamos e, por isso mesmo, também não nos abrimos para o que é o mais elevado.

V

Mas, o que é o mais elevado na nossa época? Para que comunguemos com tal interrogação, precisamos estar atentos ao que denominamos de abertura. O super-homem é justamente o homem que está aberto à compreensão de nossa época histórica. Ele não é um super-herói e nem também um ser que, dadas as condições biológicas, desenvolveu-se e superou o homem. Ele é o próprio homem metamorfoseado, isto é, transformado de modo a ser capaz de assumir o niilismo e transfigurá-lo, dando origem a uma nova aurora.

De acordo com isso, eis que uma outra pergunta se faz persistente: Como assumir o niilismo? Resposta: Sentindo-o desde as entranhas.

Este sentir não é uma coisa qualquer. O próprio sentir é o toque, a disposição acima mencionada ou, se se quiser, o *pathos*, a afecção, o ser tomado por... Por quê? Pelo nada do niilismo. Pelo vazio da vida que se perdeu de si mesma, que não gera mais vida, que se agarra ao dado, que se sente cansada, impotente e torna-se incapaz de criar, isto é, de ir ao encontro do seu movimento mais próprio, de seu fazer, desfazer e refazer.

O mais elevado, então, é o dispor-se a esse estado de coisas, melhor, à caminhada que se dirige ao fim dos caminhos, à espera de um novo caminho.

¹ É do próprio Nietzsche a seguinte afirmação contida no mesmo texto que estamos tentando pensar: “E, durante muito tempo, pertenceste ao rebanho”.

Estamos dispostos a isso? Como nos encontramos hoje? Sentimos realmente o vazio do nada atravessar o nosso ser de tal modo que não encontramos mais saída? Experimentamos o sem saída?

VI

Experimentar o sem saída é estar sozinho consigo mesmo, na sua angústia, diante do nada desolador. Aí, nessa situação de decisão, Nietzsche nos pro-voca com seus pensamentos abissais: “Queres, porém, seguir o caminho de tua angústia, que é o caminho no rumo de ti mesmo? Mostra-me, pois, que tens direito e força para tanto!” (Ibidem, p.78).

Duas perguntas se seguem daí. Primeira: Por que o caminho da angústia é o caminho no rumo de nós mesmos? Segunda: Como assim, ter direito e força para isso?

No texto *Que é metafísica*, Heidegger nos mostra que a angústia não é ansiedade. Ao contrário dessa, ela é sempre indeterminada. Nunca sabemos o que nos angustia. Caso sejamos perguntados acerca disso, respondemos invariavelmente que não é nada. A resposta nos trai, pois é justamente esse nada que nos aflige. Somos por ele determinados. Ele nos acoisa e, no seu dar-se, tudo se torna estranho, pois o real como que se afasta de nós. Perdemos o fundo. Nos encontramos suspensos no meio do nada.

Ao nos suspender assim, provocando-nos um estranhamento com relação a todas as coisas e também conosco mesmos, o nada nos dispõe na manifestação do real, isto é, ele revela o ente como o que nos surpreende diante de toda possibilidade de não ser.

O nada, com isso, revela ao homem sua transcendência. O homem já está sempre aí, no aberto do ser. A angústia forja a necessidade de ir ao encontro do que é o humano no homem, trazendo consigo o manifestar-se do ente em sua totalidade, de modo que ele esteja na sua compreensão, sendo de acordo com o seu próprio modo de ser.

É neste sentido que a angústia é caminho no rumo de nós mesmos. Ela revela que o homem é transcendência. Esse homem, que assume a sua transcendência em nossa época histórica, época em que vige o niilismo como fuga do nada da angústia, que precisa assumir o fato de que Deus está morto e, como consequência, a fidelidade à Terra, é o super-homem.

Mas, por que Zaratustra quer que mostremos que temos direito e força para isso? Porque o que está em jogo é o peso de toda História da Metafísica até então. É esse peso que carregamos nas costas e é dele que temos que nos libertar. Ter o direito para

executar tal intento é, ao mesmo tempo, ter forças para suportar o vazio de nossa época e poder ir ao encontro do que nela se abre como destino do humano.

Somente ao criador, que vive desde a sua solidão mais profunda, investido da fidelidade à Terra, é dado o direito de ir ao encontro das alturas, isto é, de querer metamorfosear a si mesmo para poder se reencontrar com um novo princípio.

Acerca disso, Zaratustra nos questiona no mais profundo de nosso ser:

Oh, há tanta cobiça das alturas! Há tantas crispações dos ambiciosos! Mostra-me que não és dos cobiçosos nem dos ambiciosos! Oh, há tantos grandes pensamentos que não obram mais do que um fole: produzem vento e tornam mais vazio. (ZA, “Do caminho do criador”, p. 78).

O super-homem não é aquele que produz vento de modo a esvaziar ainda mais o sentido da Terra. Ao contrário, é do vazio que ele cresce, experimentando o niilismo e todas as suas conseqüências mais terríveis. Ele precisa ser, como disse Nietzsche, certa vez, acerca de si mesmo, um niilista perfeito, isto é, viver e experimentar todas as etapas, conformações e envios do niilismo. Somente chegando ao seu fim, ele se abre para um novo princípio.

VII

Mas, o que é um novo princípio? Em seu texto *O porvir de Nietzsche*, Emmanuel Carneiro Leão escreve:

Hoje em dia estamos de novo nos interstícios da História de passagem para um novo milênio. Todos os parâmetros desvaneceram, todos os valores se gastaram, os princípios de ordem perderam força. Vivemos um estado fluido e maleável. O antigo já não tem a importância que tinha. O passado enfraqueceu seu poder e o futuro, se de certa forma, já veio, ainda não se instalou de todo. Estamos em um intervalo histórico. É tempo de desinstalação. É dia de criação (LEÃO, C. *O porvir de Nietzsche*, p.77).

O texto nos fala de parâmetros desvanecidos, de enfraquecimento do passado e de intervalo histórico. De algum modo vivemos numa época de passagem, onde aquilo que um dia teve seu início perdeu o seu vigor. Chegar ao fim de uma época significa dizer que chegamos à sua completude. Fim é plenitude do princípio. Se precisamos superar a nossa época histórica, isto não pode querer dizer que essa atitude que reclama

por superação é simplesmente progressiva. Não é isso o que Nietzsche fala. O que está em jogo é a retomada do “lugar” a partir do qual isto que é o real se manifesta desde sua possibilidade de ser e de não ser. Este “lugar” é origem, *arché*.

Trata-se da retomada da vida, melhor, da vida da vida. Por isso o texto diz: “É tempo de desinstalação. É dia de criação” (Ibidem, p. 77).

Ir ao encontro da vida da vida não significa atingir um porto seguro, uma instância em que todos os problemas estariam resolvidos. Antes é estar na compreensão de que o dar-se de seu vigor necessita de que nos desinstalemos e que não queiramos mais nos assegurar daquilo que já envelheceu, petrificou. É preciso que estejamos expostos ao nada em constituição², ao nada que não é nem negativo e nem positivo, mas transitivo, posto que nos dispõe na possibilidade da criação.

Mais uma vez Nietzsche nos convida a pensar: “És uma força, um novo direito? Um movimento inicial? Uma roda que gira por si mesma? Podes, também, obrigar estrelas a girarem a teu redor?” (NIETZSCHE, F. ZA, “Do caminho do criador”, p. 78.).

O que está em questão é a possibilidade de criação desde a solidão. Aí e justamente aí somos apropriados pela força criativa, pela vida da vida, desde a possibilidade de não ser, ganhando uma determinação, um afazer. É neste instante que podemos ser levados à compreensão de que ser apropriado é ao mesmo tempo um deixar apropriar-se por uma tarefa realizadora que remete cada um a si próprio. Ouçamos o que tem a nos dizer sobre isso Eugen Fink:

O homem é, numa acepção essencial, o *criador*. *Do caminho do criador* é o título de um discurso que retoma o tema da metamorfose da existência. O caminho do criador leva ao mais extremo isolamento, afasta de todas as comunidades da vida, de todos os lugares, de todo amor e de toda a compaixão, o isolamento individualiza remetendo cada um a si próprio. (FINK, E. *A filosofia de Nietzsche*, p.78).

O que é, entretanto, essa individualização, essa determinação?

VIII

A determinação por excelência se funda na possibilidade da total indeterminação. Ali, onde presenciamos mais propriamente a morte como nossa possibilidade mais própria, ergue-se sobre nós, como uma necessidade, um determinado

² Acerca disso, é muito importante a leitura do belo texto de Marcia Sá Cavalcante Schuback intitulado *Sem título*, presente em Revista Tempo Brasileiro, 143: 5/14, out.-dez, 2000.

afazer que nos liga radicalmente à vida restituindo-nos aquilo que antes julgávamos já ter perdido: a junção com o mundo a partir de uma tarefa que se desdobra como sendo exclusivamente necessária.

O texto de Nietzsche chama tal ação, que se dispõe a esse modo supremo de ser, de “livre”. Mas, não se trata de uma liberdade qualquer. Não se está falando de um “ser livre de”. No âmbito do “ser livre de alguma coisa”, ainda não atingimos uma indeterminação que exigisse de nós uma determinação desde... nada. Quem quer ser “livre de”... alguma coisa, por incrível que possa parecer, ainda se encontra determinado por essa alguma coisa da qual se quer ser livre. É preciso transcendê-la, lançar-se no vazio do nada querer para reencontrar-se com o originário querer, o vigoroso, que quer, acima de tudo, a si mesmo.

É por isso que Nietzsche pode dizer no mesmo texto, com certo ar de desprezo, que nos provoca profundamente:

Teus pensamentos dominantes quero ouvir, não que escapaste de um jugo. És tal que tinha direito a escapar de um jugo? Há os que ao deitarem fora sua condição de servos, deitaram fora o seu derradeiro valor. Livre de quê? Que importa isso a Zaratustra! Mas claramente deve teu olho informar-me: livre para quê? (NIETZSCHE, F. ZA, “Do caminho do criador”, p. 78)

Esse “ser livre para” é uma conquista do querer vigoroso que quer ir ao encontro de si mesmo.

Tal conquista, porém, só ocorre se o espírito se dispõe à solidão. Esta, por seu turno, não é uma espécie de um querer que quer ficar sozinho e, de acordo com a subjetividade de cada um, poder afastar-se de todos e, até mesmo, se isolar em uma paisagem idílica.

A solidão mais própria se manifesta a partir de uma disposição de humor que toma conta do espírito arrastando-o de roldão, retirando-o do rebanho, do lugar-comum e distanciando-o de tudo aquilo que tomava como certo e indubitável, como dado, pronto e acabado.

Com isso, as coisas elas mesmas como que se afastam de nós. O nosso próprio ser, em seu todo, nos causa estranheza. É a hora em que tudo se revela com uma gravidade imprevista. É a hora do temor e tremor, como diria Kierkegaard, que nos aponta o dedo na cara impondo-nos uma decisão: “Se tu te afastaste do geral por culpa

exclusivamente tua, a única possibilidade de vir a reencontrá-lo é estabelecendo uma relação absoluta com o absoluto” (KIERKEGAARD, S. *Temor e tremor*, p. 122). E aí afundamo-nos no nada³.

É do mesmo quilate a advertência de Nietzsche. Diz ela: “Mas, algum dia, sentirás o cansaço da solidão, algum dia, sentirás a tua altivez dobrar-se e a tua coragem ranger os dentes. Algum dia gritarás: Estou só!” (NIETZSCHE, F. ZA, “Do caminho do criador”, p. 78).

Esta solidão não é nada de subjetivo. De maneira alguma. Ela só é verdadeira solidão porque mata a subjetividade. O seu assentimento só é possível se somos nossos próprios assassinos e queremos a nossa morte. É o próprio Nietzsche que, mais uma vez, nos instiga: “Mas és tu capaz disto: ser um assassino?” (Ibidem)

É preciso ser o seu próprio assassino, morrendo no tempo certo, para abrir-se à possibilidade da criação.

É por isso que o querer liberta, porque quer, antes de tudo, o espaço aberto de manifestação do ente. É aí ainda que se torna possível a criação, entre toda possibilidade de ser e de não ser, no fino fio que liga o criador à vida, sempre a caminho, jogando fora o feito e lançando-se, em meio ao querer vigoroso e à solidão autêntica, ao que há por fazer.

É, portanto, de acordo com isso, que podemos ouvir as palavras finais de Zaratustra e nos entregar ao caminho que por ele é aberto: “Vai para a tua solidão com as minhas lágrimas, meu irmão. Amo aquele que quer criar para além de si e, destarte, perece.” (Ibidem, p. 80).

Referências Bibliográficas:

CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. *O porvir de Nietzsche*. Revista Tempo Brasileiro, 143: 73/79, out.-dez, 2000.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Trad. de Joaquim Lourenço Duarte Peixoto. Lisboa: Presença, 1988.

³ Não discutiremos aqui o que seja essa relação absoluta com o absoluto. O que queremos ressaltar agora é a dimensão da solidão em que se encontra todo homem diante dessa situação, dessa experiência tremenda.

HEIDEGGER, Martin. *Que é metafísica?* Trad. de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KIERKEGAARD, Sören. *Temor e tremor*. Trad. de Maria José Marinho. Lisboa: Gimarães Editores, 1990.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Sem título*. Revista Tempo Brasileiro, 143: 5/14, out.-dez, 2000.